

O Urso e as Nornas*

Newton Reginato

Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

Analizando-me cruamente e pouco me importando com a precisão ou imprecisão dos termos que empregarei, sou um ente humano cujo relógio biológico interno é *vespertino* e o externo *boreal*. Meus melhores momentos de atividade mental começam a fluir a partir das dezesseis horas e a atmosfera externa que me agrada fisicamente é aquela propiciada pelos dias frios, nublados e chuvosos, agasalhados por neblinas, nevoeiros e cerrações, com matas densas ao redor. Desde quando me conheço por gente sou assim, porque nunca suportei e não suporto dias ou períodos intensamente ensolarados, quentes, suarentos e abafados, e daí a razão de morar em região montanhosa. Além disso, amo a solitude. Tanto é verdade que, se um dia eu me encontrar com um xamã norte-americano da nação Sioux-Lakota – o que certamente não irá acontecer –, ele dirá que o “animal de poder” que me adotou quando nasci foi o “urso”, atribuindo-me o sugestivo nome indígena: “Tal Como Ele” (o “urso”) na sua língua nativa, após um longo diálogo e depois de fumarmos, ritualisticamente, o “cachimbo da paz”; e eu seria obrigado a concordar com ele: adoro ficar na minha “toca” e há uma razão para isso.

Aos vinte anos o nosso corpo é forte e o nosso espírito é fraco; depois dos cinquenta os “polos” vão se invertendo e, quando atingimos os setenta, o corpo é fraco e o espírito forte. Aos vinte, ousamos e realizamos; aos setenta lembramos e sonhamos. Aos vinte estendemos nossas asas, aos setenta as recolhemos. Aos vinte tudo olhamos e desejamos, aos setenta tudo observamos e analisamos. Aos vinte o nosso caminhar é ligeiro, aos setenta nosso andar é lento. Aos vinte tudo é ilusório, aos setenta tudo é real, e quando nos deparamos com a realidade ela nos sorri, recebendo um sorriso nosso de volta, porque sabemos que a chama da nossa existência está a extinguir-se, muito embora tudo façamos – em silêncio – para que esse momento demore.

A “realidade” – penso – é uma bela mulher, uma mulher de olhar penetrante, de misterioso semblante, de caminhar

flutuante, com suas vestes esvoaçantes, trazendo a “luz da verdade” numa das mãos e a outra vazia, que estende convidando-nos a caminhar com ela entre as brumas da existência e atravessá-las para que vislumbremos paisagens nunca antes vistas, um ser de sorriso taciturno, crepuscular, sombrio, lunar, quase impossível de desvendar.

Continuo a divagar e olho o que tenho a minha frente.

Diante de mim tenho alguns compêndios de mitologia. Escolho o de mitologia nórdica que, por acidente, me escapa das mãos caindo aberto no chão. Apanho-o e deparo-me com uma ilustração representativa de três figuras femininas, tendo por inscrição: *Urdr*, *Verdandi* e *Skuld*, as “três fiandeiras do destino”, senhoras do passado, do presente e do futuro, personificados, pictoricamente, por uma donzela, uma mulher madura e uma anciã, habitantes nas raízes da árvore *Yggdrasil* – o “freixo sagrado” – símbolo do “eixo do universo”. *Skuld* é jovem, bela e suave, apresentando um semblante sonhador enquanto maneja o tear dos seus ideais; *Verdandi* é madura, forte e vigorosa, mostrando-se séria e preocupada com o porvir, enquanto segura, firmemente, o fio do próprio destino em suas mãos; *Urdr*, encanecida, mas resguardando os traços fisionômicos das anteriores, empunha uma lâmina esboçando um leve sorriso, misto de sabedoria e certeza diante de uma realidade insofismável: a de que nada permanece e um dia tudo estará consumado.

São dezoito e trinta de uma quarta-feira quase finda.

O entardecer estende suas mãos ao anoitecer.

Olho para um pequeno urso de resina que ladeia uma ampulheta em meio a uma floresta de lápis e canetas; olho para a gravura, *in folium*, do livro que caiu e se acha, agora, aberto sobre a mesa, estando *Urdr* a me observar, e sinto-os como símbolos de força e coragem convidativos à introspecção e à transformação através de um saber que somente a mim cabe alcançar, e hiberno, por alguns instantes, na minha solitude, tal como um *urso outonal* para que o passado, o presente e o futuro se fundam revelando-me o “todo”. É quando *Skuld* me convida a idealizar, *Verdandi* a realizar, *Urdr* a concluir, e o urso, agora desperto e renovado, a prosseguir. Afinal, é relembando o passado, no momento presente, que antevemos o futuro.

Sigamos em frente.

*Equivalentes nórdicas às *morias* e as *parcas* das mitologias grega e romana, tidas como divindades senhoras do destino dos homens e dos deuses. Inspiraram as “Três Irmãs Estranhas” (bruxas) presentes na tragédia “MacBeth” de Willian Shakespeare, e ainda inspiram muitas outras ficções da atualidade.